

ENTREVISTA

Fátima Soares

Entrevistador: Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Revisor: Jonas Alves da Silva Júnior²



Escritora Fátima Soares. Foto: Acervo pessoal da escritora.

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEDUC-UFRRJ);

² Pós-Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ.

Leandro R. N. S.: *Fátima, você é poeta, escritora, professora, ensaísta e nós gostaríamos de saber quando foi que você iniciou as suas atividades literárias? E depois de iniciadas as suas primeiras atividades literárias, quanto tempo demorou para que você conseguisse publicar a sua primeira obra, o seu primeiro livro?*

Fátima S.: Olha, eu leio e escrevo desde criança. Eu tive uma mãe que gostava de ler, na minha casa era comum a presença de revistas, então lembro que a minha mãe conhecia a Rachel de Queiroz, conhecia a Clarice Lispector, conhecia a Cecília Meirelles e outros poetas. Um pouco do que ela estudou na escola, que na época era o ensino primário, e o que ela lia nas revistas, porque essas escritoras publicavam muito em jornais e revistas. Então eu tive esse contato com a literatura desde criança através da leitura da minha mãe. Eu tive a sorte de estudar em uma escola pública, na época que era inspirada no projeto de Escola Nova, onde também os professores estimulavam a gente a ler, ler poesia e então eu tive esse acesso. Eu anotava as minhas coisinhas, caderninhos de versos...coisas assim. O que eu não pensava quando era criança, adolescente, jovem, é que eu poderia ser escritora profissional, ou que eu poderia publicar um livro, isso eu não pensava porque eu não conhecia ninguém do meu círculo que tivesse feito isso, nem na família nem nos professores. Os escritores que a gente conhecia era pegando um livro na biblioteca, às vezes escritores do passado, já falecidos e tudo muito distante, e parecia que esse era um trabalho para pessoas muito especiais, pessoas iluminadas que nasciam com esse dom, esse destino de ser escritor e que isso não vale pra qualquer um. Então eu não pensei a literatura como profissão ou mesmo como um hobby, uma arte que eu iria me dedicar por tanto tempo. Então eu fui muito mais leitora, consumidora mesmo de literatura. Eu leio muito, desde sempre. Gosto muito. Eu leio inúmeros romances, leio biografias, leio poesias, leio contos e depois nas universidades por onde passei, eu passei a ler também outros tipos de livros né, como os livros de sociologia, de antropologia, os livros das Ciências Humanas como os de filosofia... e também nisso eu sou muito leitora e vai por aí. Quando eu comecei a trabalhar em escola, eu comecei às vezes a escrever e a criar textos e materiais para os meus alunos, isso porque quando eu comecei a ensinar em escolas comunitárias, a gente não tinha acesso a livros didáticos. A gente dava aula só com a vontade. Então eu consegui um mimeógrafo na época, álcool, e me lembro que a primeira vez que fiz foi uma cartilha pra uma turma de alfabetização. Eu escolhi figuras, fiz aquela colagem com os textos a álcool e rodei no mimeógrafo para os meus alunos terem um livro na mão, então era desse jeito. Eu lembro a primeira coisa que eu produzi assim. Eu também escrevi diário quando era jovem, eu participei das listinhas das colegas, os caderninhos de entrevistas, não sei como é que o pessoal chama hoje, se ainda existe, a gente chamava de questionário mesmo, que era um caderno que cada folha tinha uma pergunta para as colegas responderem e esse



Escritora Fátima Soares. Foto: Acervo pessoal da escritora.

caderno circulava na escola. Como professora eu produzi essa cartilha, e produzi muitos textos para o meu aluno ler, porque mesmo quando a gente começou a ter acesso ao livro didático na escola pública, às vezes era um livro que eu não gostava, que eu considerava incompleto, um livro que não tinha aquilo que eu queria trabalhar, aquilo que eu queria ler e discutir com os meus alunos. Então eu produzia muitas vezes os textos para eles, livros de história, geografia, de ciências... cometia de vez em quando um versinho, um poema ali, mas era muito mais para o meu próprio consumo. Para extravasar as minhas emoções, as minhas ideias. Participava também de movimentos populares, porque

vez por outra a gente tinha que fazer um negocinho assim. Fazia um cartaz, um convite para uma atividade, então muitas vezes eu estava ali, participando disso. Mas eu trazia um problema muito sério na minha escolarização que eu aprendi muito mal a ortografia da língua escrita, padrão. Então eu escrevia com muito erro ortográfico, e isso às vezes me inibia, porque quando as pessoas corrigiam os erros ortográficos, elas corrigiam censurando porque você escreveu assim, como se fosse um relaxamento, como se você não se importasse de aprender, fosse um mau estudante, e eu demorei muito a entender o porquê de ter tanta dificuldade com isso. Eu cheguei na universidade, adulta, e eu ainda tinha muitos problemas com essa questão. Eu só resolvi isso quando eu estava estudando Letras, que aí eu precisei aprender para ensinar. Aí eu aprendi o porque eu não tinha aprendido e entendi como eu poderia ensinar para o meu aluno aprender. Isso me inibiu bastante. E quando foi que eu publiquei o meu primeiro livro? [pergunta a si mesma]. Eu publiquei o meu primeiro livro em 2010. Veja, eu nasci em 1954 e estou dizendo a vocês que eu leio e que eu cometo erros na escrita desde a infância. Em 2010 eu tinha quantos anos? [pergunta para si mesma] eu tinha 56, e foi quando me apareceu esse tipo de oportunidade. Apareceram muitas editoras pequenas, por aqui e em todo o canto, o preço, o dinheiro, o investimento que a gente tinha que fazer para publicar um livro, independente, era muito menor. Era algo possível para mim naquele momento, e eu tinha vontade de publicar. O meu primeiro livro é produto do meu trabalho de

graduação em Pedagogia, que eu me graduei em Pedagogia em 2002 e fiquei com aquela vontade de transformar aquele trabalho em um livro que pudesse ser acessível a outras pessoas fora da universidade. Eu só o puliquei em 2010, mas depois daí não parei mais, aprendi o caminho, o jeito de fazer e continuei a escrever e a incentivar a outras pessoas e depois disso publiquei outros livros solos. Depois descobri as publicações coletivas, as coletâneas e comecei a publicar em livros coletivos e agora estou estreando como organizadora de uma obra coletiva. O livro que estou publicando, lançado em 26 de maio [2021] é uma coletânea de textos de 28 mulheres, e aí eu organizei esse livro. Eu trouxe outras mulheres para publicar.

Leandro R. N. S.: *Em uma live que você participou na Revista África e Africanidades você disse que foi de extrema importância, foi fundamental você se reconhecer como uma mulher preta. Como foi esse processo? E por que você acha que isso foi fundamental na sua trajetória?*

Fátima S.: Porque é fundamental, construir a identidade de mulher negra, fortalecer essa identidade. Porque isso pra mim é fundamental. Eu sei de onde eu vim né? Eu sei da história da minha família, minha família paterna se funda no casamento de uma mulher branca com um homem negro. A família de minha mãe se funda no casamento de uma mulher negra com um homem branco português. Então, eu sempre soube desde a infância que eu tinha bisavó negra e um bisavô negro, e a família tem todos os tons de pele que se possa imaginar aí nessa mistura. Alguns se identificando como negros, outros como brancos, e outros vivendo uma eterna dúvida de não saber o que era, de não saber quem era, então eu fui uma dessas pessoas que muitas vezes fui incentivada a me identificar como branca, e em outras situações essa “branquitude” era negada pois me lembravam que eu não era tão branca assim e isso é muito ruim, esse não saber o que você é. Então não sou branca? Não sou negra? eu não sou nada? Eu carreguei isso quando criança. Eu lembro que eu tinha um tio, quando eu fazia alguma “trela” ele disse pra mim, disse mais de uma vez isso: Você é branca do cabelo “pichaim”. E branca do cabelo “pichaim” é negra. Então uma característica negra sendo apontada num momento de castigar como se fosse um defeito né? Uma falta. Isso me incomodava muito, mas eu arrastei minha infância assim. Quando eu era adolescente entre 16 e 20 anos eu tive muita vontade de deixar o meu cabelo enrolado e não alisar, mas também eu tinha parentes que achava aquilo muito feio e que chegava a dizer isso principalmente, com esse cabelo assim você fica com cara negra e eu dizia..., Mas eu ficava pensando, mas eu sou negra. Ou não sou? Se eu tenho o cabelo de negra não sou negra? Isso é muito ruim, então eu precisei chegar a adulta e encontrar o MMU – (Movimento Negro Unificado), para ter a oportunidade de fazer uma reflexão mais qualificada sobre essas questões, e entender que isso não era um problema meu pessoal, nem mesmo era um problema de minha família, isso era uma questão social nesse país onde se tentava embranquecer a população,

eliminando os negros. Entender que ser branco não está determinado apenas pela cor da pele, ser branco nesse país significa ter uma série de privilégios, coisas que deveriam ser direitos sociais de todos, mas que funciona como privilégio para uma minoria. Na minha juventude acessar um emprego formal por exemplo, acesso pra muitas crianças à escola, acesso ao cuidado de saúde e várias questões que a gente trabalhava desde criança contribuía, a gente construía e constrói a riqueza desse país, mas essa riqueza virou sendo privilégio de poucos e dos brancos, eu nunca estive nesse grupo de privilegiados né? Me criei numa comunidade muito pobre, rodeada de pessoas muito pobres, familiares também muito pobres. A grande maioria negra, e sabendo que era negra pois tinha a pele escura, e é daí que vim. Então, compreender como é isso no Brasil, como é o racismo né? E como ele se apresenta muitas vezes dessa maneira difusa, que dificulta a nossa compreensão, e a nossa resistência mesmo. Compreender isso pra mim, foi de um valor muito importante pra construção de minha identidade individual e social. quando eu entendi isso, eu sou uma mulher negra, porque não estou no lugar de privilégio dos brancos. Embora eu saiba que no Brasil quanto mais escura for sua pele, quanto mais características visíveis físicas da negritude você tem, você vai sofrer muito mais discriminação. Com certeza uma pessoa da pele mais escura vai ter muito mais chance de uma abordagem mais violenta da polícia, ou de ter um segurança de supermercado lhe seguindo. Eu já tive também, mas muito menos vezes do que outras pessoas mais escuras. Então, me identificar como negra traz pra mim esse compromisso de entender o racismo como algo da estrutura da sociedade brasileira, e me comprometer com o combate a esse mal, porque o racismo é um problema da humanidade, se a gente não reconhece outras pessoas como humanas e com direitos humanos, é um problema da humanidade né? Se um contingente tão grande de pessoas são vistas como seres inferiores, então o povo negro, sempre resistiu a isso e não tá disposto a ser tratado como



Escritora Fátima Soares. Foto: Acervo pessoal da escritora.

inferior, e eu prefiro estar do lado dessa resistência, questionando o racismo e me colocando, e me identificando como negra porque não tenho acesso, nunca tive os privilégios dos brancos, e na verdade acho que ninguém deveria ter, pois o que os brancos se apropriaram como privilégios pra si, tem que ser distribuído como direitos social de todos/as pessoas.

Leandro R. N. S.: *Eu sei que você tem muita coisa escrita, muita coisa publicada, mas eu queria saber qual dentre os seus escritos você gostaria que nós lêssemos para que pudéssemos melhor lhe conhecer?*

Fátima S.: Eu indicaria dois textos: um é o “Cartas para mim, pra Você e para Outros”, que é um conto com esse formato de carta, e é um livro de bolso. Um livro pequeno que foi publicado com a coleção número 1 do mulherio das letras. É um texto que eu gosto muito, e ele inclusive foi junto com a coleção número 1 indicado ao Jabuti, chegou entre os dez primeiros na modalidade de incentivo à leitura... então eu acho interessante. E o outro que é “Ossos”, também é um conto, também é bem diferente de cartas, mas que traz muito a minha concepção sobre escrita autobiográfica, e de transformar a história pessoal, social, comunitária em algo que pode ser lido também como ficção, que pode ser lido como um relatório, pode ser lido de diversas maneiras. Escrevo coisas muito diversas, minha poesia é muito espalhada, acho que já publiquei numas 20 coletâneas, livros coletivos. Um dia penso em reunir esse material todo e fazer um livro de contos. Se alguém quiser ler esse “Ossos” ele tem em e-book, é muito fácil de encontrá-lo.

Leandro R. N. S.: *Existe algum exercício para se descobrir poeta?*

Fátima S.: O principal exercício para se descobrir poeta é ler poesia, é ouvir poesia. Aí você começa a enxergar poesia em todo canto. Você lê poesia, você ouve e daqui a pouco está vendo poesia nos acontecimentos, nos objetos. Crianças pequenas sempre fazem isso, sempre fazem poesia, mas a experiência de vida vai tolhendo isso, infelizmente. Mas são as crianças que podem nos ajudar a olhar diferente para isso, que é o olhar do poeta também, é olhar que descobre coisas que em muitos casos não são e não estão tão explícitas. A recomendação é essa: leia poesia para se descobrir poeta!